

**FACULDADE PATOS DE MINAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

EUNÁZIA KELLY PINHEIRO

**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
Interfaces e Possibilidades para uma Aprendizagem
Significativa e para a Qualidade de Vida**

**PATOS DE MINAS
2016**

EUNÁZIA KELLY PINHEIRO

**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
Interfaces e Possibilidades Para Uma Aprendizagem
Significativa e Para a Qualidade de Vida.**

Trabalho apresentado à Faculdade Patos de Minas, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física

Orientador: Professor Me. Saulo Gonçalves Pereira

**PATOS DE MINAS
2016**

EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Interfaces e Possibilidades para uma Aprendizagem Significativa e para a Qualidade de Vida

Eunázia Kelly Pinheiro*

Saulo Gonçalves Pereira**

RESUMO

As ideias sobre meio ambiente devem estar presentes em todos os espaços que educam o cidadão, desde praças e reservas ecológicas, passando por sindicatos e movimentos sociais, até chegar ao sistema educacional, e este é considerado como um dos locais privilegiados para a consecução da Educação Ambiental (EA). A inserção da EA no currículo, no sentido de uma renovação educativa escolar visando uma melhoria na qualidade de ensino, respondendo às necessidades cognitivas, afetivas e éticas, capaz de contribuir para o desenvolvimento integral do sujeito é urgente. Tanto a Educação Física quanto a Educação Ambiental são consideradas ferramentas para uma aprendizagem significativa e para uma melhor qualidade de vida, por este motivo, este trabalho objetivou conceituar a história da Educação Ambiental caracterizando a importância do preparo do educador com enfoque na temática ambiental nas séries iniciais; Identificar as dificuldades enfrentadas pelo educador nas escolas. Apresentar as possibilidades de uma mudança prática de atitudes e a formação de novos hábitos com relação à utilização dos recursos naturais.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Educação Física, Meio Ambiente.

ABSTRACT

The ideas on the environment must be present in all spaces that educate citizens, from parks and ecological reserves, through unions and social movements, to reach the educational system, and this is considered as one of the prime locations for the achievement of Education environmental (EA). The introduction of EE in the curriculum, in the sense of a school educational renewal aiming at improving the quality of education, responding to the cognitive, affective and ethical needs, able to contribute to the integral development of the subject is urgent. Both Physical Education as environmental education are considered tools for meaningful learning and a better quality of life, for this reason, this study aimed to conceptualize the

*Graduanda em Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Patos de Minas (FPM). eunasiakelly@yahoo.com.br

**Doutorado em Ciências Veterinárias, Mestre em Saúde Animal pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Especialista em Didática do Ensino Superior (FPM) e Gestão Ambiental (CRBio4) . Professor orientador da Faculdade Patos de Minas (FPM) e FCJP. saulobiologo@yahoo.com.br.

history of environmental education featuring the importance of teacher preparation focusing on environmental issues in the series initials Identify the difficulties faced by educators in schools. Present the possibilities of a practical change in attitudes and the formation of new habits with regard to the use of natural resources.

Keywords: Environmental Education , Physical Education , Environment,

INTRODUÇÃO

A Educação Física e a Educação Ambiental podem ser consideradas poderosas ferramentas para uma aprendizagem significativa e para uma melhor qualidade de vida.

Considerando que o caminho para o desenvolvimento da conscientização deve ser iniciado desde a infância a Educação Ambiental pode oferecer um programa cuja finalidade é a tomada de consciência por parte do cidadão, formulação de novos valores e conceitos, promovendo uma nova concepção de natureza e de ser humano, desta forma, devem ser questionadas as possibilidades que impactam diretamente na Educação Física Escolar e as interfaces com o meio ambiente (Pérez; Vásquez (*apud* Vargas, 2004)).

A importância desta pesquisa se dá devido a Educação Física escolar está se mostrando uma disciplina com todas as condições de aproximar a temática Meio Ambiente e seus problemas infindáveis. Acredita-se que ela possua uma condição privilegiada com relação aos alunos e às vivencia corporal e este tema possui responsabilidade pelo seu desenvolvimento e aprimoramento, pode contribuir muito em benefício do meio ambiente, por meio de seus conteúdos ou das atividades na natureza que possui um campo totalmente prático para relacionar e estabelecer vínculos com a temática ambiental, e como consequência poder tornar mais significativa à formação desses alunos (GIMENO, 2000).

Sabe-se que a educação física é uma disciplina que pode e deve contribuir muito em benefício do meio ambiente, por meio de seus conteúdos ou das atividades na natureza possui um campo totalmente prático, sendo assim objetivou-se conceituar a história da educação ambiental caracterizando a importância do preparo do educador com enfoque na temática ambiental nas séries iniciais, também

identificar o cenário entre a educação física escolar e a educação ambiental e por fim estimular a mudança prática de atitudes e a formação de novos hábitos com relação à utilização dos recursos naturais.

A metodologia é o caminho a ser adotado na pesquisa investigativa com a finalidade de encontrar o meio mais racional para alcançar objetivos propostos para um projeto (BARROS; LEHFELD, 1986, p. 88). Utilizou-se a pesquisa de cunho bibliográfico que segundo Marconi (2002), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias abrange toda bibliografia publicada referente ao tema de estudo, desde publicações avulsas, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses etc. Seu desígnio incide em colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que está escrito sobre determinado tema. Sendo assim, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto: Educação Física e Educação Ambiental e interfaces e possibilidades para uma aprendizagem significativa para uma qualidade de vida. Para tanto foram utilizadas teses, dissertações, artigos. A busca de pesquisa foi em sites: scielobr, google acadêmico.

1 HISTÓRICO

1.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEU SIGNIFICATIVO PAPEL NA EDUCAÇÃO

Nos dias atuais a escola, como espaço que em a sociedade assume para si a responsabilidade de tratar da educação formal da criança, deve inserir o contexto das preocupações com o meio ambiente. E a educação física por tratar dos estudos das manifestações da cultura corporal e do lazer deve estudar como tem se dado à relação dessas práticas sociais com a natureza, nesse sentido Pérez; Vásquez (*apud* Vargas, 2004) dizem que:

[...] a formação de convicções meio ambientais, através da EF, contribui na formação de gerações de homens preocupados com o humano, tendo em vista que o meio ambiente não é responsabilidade somente das Ciências Naturais, pois seu enfoque é interdisciplinar, além de multidisciplinar.

Haja vista que a Educação Física assume extremamente um papel mais que significativo na Educação Infantil, pois é através do brincar que a criança explora seu corpo, interage com outros corpos e desenvolve seu crescimento cognitivo e motor.

Além deste papel significativo possibilita momentos de prática de atividade física e interação social nas aulas de Educação Física que são extremamente importantes para que o aluno se sinta a vontade nas aulas, e também possa dentro das suas limitações motoras desempenhar todas as atividades de maneira prazerosa e motivadora.

Atualmente em busca pela renovação da EFE (Educação Física Escolar) observa-se a necessidade em se compreender que a relação escola-sociedade, conforme Dias (2003, p. 2) destaca:

Em primeiro lugar, compreender a escola-espço onde se desdobram as intervenções na EFE, não como um espaço tão somente de reprodução, mas longe disso, como um possível espaço de questionamento a ordem social instituída; mesmo como um rico e fecundo espaço de resistência e luta contra hegemônica; como potencializadora de uma oferta pedagógica rica e diversificada.

O princípio da EFE deve ser o de tornar a aula em um momento prazeroso para todos os alunos, sem discriminação, de modo a englobar todos, dos alunos mais hábeis aos menos hábeis, atléticos ou obesos e também alunos com alguma deficiência, promovendo, deste modo, bem-estar e saúde a todos e, assim gradativamente contribuir para a redução do sedentarismo.

As Práticas Corporais Junto ao meio ambiental podem agregar questões abrangentes permitindo que os educadores busquem temas contemporâneos com novas possibilidades de ensino-aprendizagem, procurando a aprendizagem-conhecimento, tanto do que se pretende como conteúdos incluem as manifestações

da prática da EFE que têm como características comuns a intenção de expressão e comunicação como referência para o movimento corporal.

Os Referenciais Curriculares (2009, p. 116) especificam algumas competências que podem ser tratadas enquanto objetivos de noções amplas de ensino/aprendizagem/conhecimento. Estando as práticas Corporais Junto à Natureza com objetivos de proporcionar ao aluno:

Conhecer e usar algumas práticas corporais, sistematizadas, de forma proficiente e autônoma, para potencializar o envolvimento em atividades recreativas no contexto do lazer e a ampliação das redes de sociabilidade; Conhecer e usar práticas corporais sistematizadas para fruir a natureza (levando em conta o sentido de preservação), percebendo-se integrante, dependente e agente de transformação ambiental; Interferir na dinâmica de produção da cultura corporal de movimento local em favor da fruição coletiva, bem como reivindicar condições adequadas para a promoção das práticas de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão (BRASIL, 1999, P.06).

Compreende-se que; para as crianças, os desafios colocados por seu ambiente natural e social são vivenciados como uma totalidade, onde subjetividade e objetividade, emoções e imaginações misturam-se e constituem-se concretamente pela via do contato e da expressão corporal, que materializam ação enquanto atividade orientada a objetivos, é por essa via que ela experimenta, pega, corre, pula, dança, assume papéis sociais, estabelece vínculos afetivos, assimila e reconstrói seu ambiente sócio histórico para aprender e desenvolver-se.

Segundo Carmo (2013) o professor tem que ter uma postura exemplar e ética, pois ele passa a ser uma referência à criança, suas ações devem ser coerentes com o que ele diz, pois temos um papel muito importante como educadores e em algumas situações à maneira que ele agir com a criança ele vai fazer a diferença para o resto da vida dessa criança.

1.2 EVOLUÇÃO - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Meados anos 1950 e 1960, por consequência da crescente negligência com o meio, algumas pessoas mostraram-se preocupadas e interessadas em discutir ou pelo menos alertar para a problemática ambiental, um exemplo foi à escritora Rachel Carson², que em 1962 lançou o livro “A Primavera Silenciosa” e alertou a humanidade para o perigo dos pesticidas e também para a vulnerabilidade do ambiente à intervenção humana.

Este livro foi um clássico na história do movimento ambientalista mundial, produzindo discussões e inquietações mundiais (DIAS, 1992). Nos anos seguintes as discussões sobre o assunto foram aumentando e em 1968 realizou-se em Roma uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos para discutir questões ambientais relacionadas ao consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis e o crescimento populacional mundial.

No ano de 1977 aconteceu em Tbilisi a I Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, onde EA foi definida como: Processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos.

A EA também está relacionada com a prática de tomada de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida (1977). Nessa conferência também foi destacado o caráter interdisciplinar da educação ambiental, além de ter traçado finalidades e estratégias em nível nacional e internacional, além de ter resultado na Declaração sobre a Educação Ambiental. O Congresso Internacional sobre a Educação e Formação Relativas ao Meio Ambiente, na Rússia em 1987, veio fortalecer as orientações de Tbilisi, enfatizou a inclusão da dimensão ambiental no currículo de todos os níveis de ensino (RUFFINO, 2003).

Já em 1992 foi à vez do Brasil, aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, o que resultou na produção de documentos como Agenda 21 e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. A Agenda 21 consistia em um programa de ações que objetiva promover, globalmente, uma nova

forma de prática ambiental e uma nova forma de desenvolvimento: o desenvolvimento sustentável e a educação para sustentabilidade (RUFFINO, 2003).

A trajetória da EA no Brasil teve início em 1973, com a criação da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), vinculada ao Ministério do Interior. O desenvolvimento da EA no Brasil se deu de forma mais ligada às escolas.

Em 1989 foi criado o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), que se destina à implantação da EA no âmbito não formal e à produção de materiais, como livros e vídeos. A Política Nacional de Meio Ambiente, de 1981, apresenta em seu Art.2º, Princípio X:

Art 2º - A Política Nacional do Meio Ambiente tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana, atendidos os seguintes princípios:

I - ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo;

II - racionalização do uso do solo, do subsolo, da água e do ar;

III - planejamento e fiscalização do uso dos recursos ambientais;

IV - proteção dos ecossistemas, com a preservação de áreas representativas;

V - controle e zoneamento das atividades potencial ou efetivamente poluidoras;

VI - incentivos ao estudo e à pesquisa de tecnologias orientadas para o uso racional e a proteção dos recursos ambientais;

VII - acompanhamento do estado da qualidade ambiental;

VIII - recuperação de áreas degradadas;

IX - proteção de áreas ameaçadas de degradação;

X - educação ambiental a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente (BRASIL, Lei nº 6938, 1981).

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em Art. 225, no Capítulo VI - Do Meio Ambiente, Inciso VI, destaca a necessidade de "promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente".

Nesse sentido solicita a obrigatoriedade da Educação Ambiental. Ainda nesse ano se iniciam as atividades da Coordenação de Educação Ambiental (COEA)

do MEC, que em 1991, através da portaria 678, resolve que “todos os níveis de ensino deverão contemplar conteúdos de EA” (RUFFINO, 2003). A partir da portaria de nº 678/91, alguns programas são aprovados e são criados núcleos, como o Núcleo de Educação Ambiental (NEA) e o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), todos por articulações interministeriais, entre o MEC e outros ministérios. Em 1992 acontece a Rio-92, que resultou na Agenda 21.

Em 1997 foi proposto o Protocolo de Kyoto, um documento que deveria ser assinado pelos países desenvolvidos para se comprometerem a emitir menos gás carbônico na atmosfera. Um dos países mais rico e desenvolvido, os Estados Unidos, não assinou.

Em 1999 foi criada a Política Nacional de Educação Ambiental, pela Lei no. 9.795, a qual estabelece em seu Art9 a obrigatoriedade da educação ambiental na educação básica, incluindo a educação infantil:

Art. 9 o Entende-se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando: I - educação básica: a) educação infantil; b) ensino fundamental e c) ensino médio; (BRASIL, Lei 9795/99 Art. 9, Inciso I).

A educação ambiental deve ter como prioridade o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, circunstâncias, em seus modos formais, não formais e informais, gerando a modificação e a construção da sociedade (AVANZI, 2004). São muitos os desafios a enfrentar quando se procura direcionar as ações para a melhoria de condições de vida no mundo. Um deles é interação com o patrimônio básico para a vida humana: meio ambiente (BRASIL, 1998).

A educação ambiental pode acontecer nas escolas, empresas, universidades, repartições públicas, entre outros. Esta educação pode ser ampliada por órgãos do governo ou por entidades ligadas ao meio ambiente (IBAMA, 2003). As práticas agrupadas sob a definição de educação ambiental têm sido categorizadas de muitas maneiras: educação ambiental popular, crítica, política, comunitária, formal, não formal, para o crescimento sustentável, conservacionista, socioambiental, ao ar livre, para solução de muitos problemas (CARVALHO, 2004).

É difícil resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma modificação radical nos sistemas de conhecimento dos valores e nas condutas que são gerados pela dinâmica de racionalidade existente (JACOBI, 2003). Conforme os autores supracitados a educação ambiental tem como principais objetivos conscientizar a todos sobre a preservação do meio ambiente, e desenvolver um crescimento que gere através das novas gerações menos impacto possível ao meio ambiente.

A educação colabora diretamente para a modificação dos atuais padrões de uso e distribuição dos bens ambientais em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de vida e de relação com a natureza (CARVALHO, 2004). Dessa maneira, associamos ao tema, alguns contextos, tais como sustentabilidade reciclagem. A sustentabilidade sugere uma inter-relação indispensável de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e ruptura com o atual padrão de desenvolvimento (JACOBI, 1997). Já a reciclagem, aborda contextos de reutilização, reaproveitamento e reflexões acerca do consumismo.

1.3 INTERDISCIPLINARIEDADE

A educação ambiental deve se dedicar a toda a sociedade tendo em vista o agravamento da crise ambiental para a sustentação da vida no planeta e a emergência de enfrentá-la (GUIMARÃES, 2004). A educação ambiental deve auxiliar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais dividimos este planeta, acatar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos (FÓRUM GLOBAL, 1992 apud GADOTTI, 2000).

Um processo educativo para mudar a visão da história de saque aos recursos naturais tratará da conscientização que inclua uma totalidade em ação. O vigor e o significado das ações cotidianas fundamentam ou subsidiam os grandes empreendimentos ambientais, como o reordenamento do consumo, a mudança das relações, a coleta seletiva e reciclagem, o combate à pobreza, o saneamento básico, entre outros, a fim de conduzir problemas ambientais recorrentes (RUSCHEINSKY, 2004).

Educação ambiental entendida a partir da perspectiva adotada deve ser realizada pela junção dos espaços formais e não formais de educação; pela cumplicidade da escola à comunidade; pela construção coletiva e popular do projeto político-pedagógico e pela vinculação das atividades de cunho cognitivo com as mudanças das condições práticas de vida (LOUREIRO, 2004).

Existe uma necessidade de apontarmos as concepções que orientam as propostas de educação ambiental através de uma distinção crítica de seus significados políticos e éticos, para que possam auxiliar os educadores e os educandos nas suas escolhas e tomadas de posição frente à realidade, principalmente com relação à temática do lixo (LIMA, 2002).

Segundo Quintaz (2003) apud Layrargues (2002) o tema Educação ambiental pode ser resumidamente dividido em três partes, crítica, transformadora e emancipatória. Crítica na medida em que debate e aponta as contradições do atual modelo de civilização, da inclusão sociedade natureza e das relações sociais que ele institui. Transformadora, porque ao debater o caráter do processo civilizatório, estimula a capacidade da humanidade em construir outro futuro a partir da construção de outro presente e, assim, instituindo novas relações dos seres humanos com a natureza. É também emancipatória, por tomar a liberdade como valor fundamental e buscar a produção da autonomia dos grupos subalternos, excluídos.

Na educação ambiental se busca a conscientização de todos a respeito dos impactos que vem ocorrendo no planeta. A temática de reciclagem na escola visa abrir a mente dos alunos rumo a novas descobertas, aumentar a criatividade e o interesse do aluno em preservar e, sendo ministrada na disciplina de Educação Ambiental notou-se que o papel principal é dos professores incentivando os educandos para que se posicionem a favor do meio ambiente.

No entanto o educador possui um grande poder de influenciar, e, portanto cabe a ele ter a consciência de que a reciclagem através da educação é uma grande solução para se minimizar a poluição e a devastação do meio ambiente. É necessário que o educador se atualize e se sinta interessado e motivado a ensinar reciclagem para os alunos, e também promova projetos, palestras, aulas diversificadas para os educandos.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ALIADO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE FORMA INTERDISCIPLINAR

Compreende-se que a Educação Física, é influenciada pelo contexto escolar (BETTI, 1991; CRUM, 1992), e esta, sofre da mesma limitação que acompanha o processo de educação formal, quando pretende contribuir para a plenitude da cidadania. Isto implica na necessidade de outras instituições sociais contribuírem com a Educação Básica, mas sem vinculá-la somente a interesses particulares, como o “mercado de trabalho”.

A escola é o ambiente onde o aluno tentará aprender a se associar inteiramente com a sociedade. E é na prática que o educando vai ter a chance de ter essa experiência ambientalmente correta, para que se constitua um cidadão responsável. Entre os graves problemas ambientais que, atualmente, sofre o planeta (sociedade humana e natureza) a questão do lixo urbano mostrar-se de difícil solução, mesmo porque a geração de lixo está inteiramente ligada ao poder de consumo da população e, assim sendo, junto com o crescimento econômico ocorre, o crescimento da produção de lixo (SANTOS 2008).

Sempre se ouve dizer que a escola é definida como um meio que prepara para a vida, portanto, a escola como instituição social, estabelece um vínculo ambíguo com a sociedade, é parte dela e por isso trabalha para ela formando os indivíduos necessários à sua manutenção. Entende-se que a tarefa da escola é zelar pelo desenvolvimento da sociedade e por isso, precisa criar indivíduos capazes de produzir riquezas, de criar, inventar, inovar, transformar. Sendo assim a escola não pode ficar presa ao passado, ao antigo, à tradição; abrindo a possibilidade para o surgimento de uma escola crítica e inovadora (DIAS, 2003).

Ultimamente, as questões ambientais estão sendo discutidas em virtude da necessidade de transformações em relação à degradação do ambiente. A educação, neste contexto, deve ser lembrada como elemento para a transformação das sociedades, viabilizando o desenvolvimento de uma nova moral distinta, daquela norteadora de uma sociedade de consumo. A Educação Ambiental deve ser trabalhada de forma unificada, sucessiva e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino, como predito nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os

quais servem como contribuições para a prática pedagógica, sabendo que o lixo é um dos maiores problemas que afeta diretamente todas as questões sociais e ambientais (FELIX, 2007).

A Educação Ambiental é vista atualmente como uma possibilidade de transformação ativa da realidade e das condições da qualidade de vida, por meio da conscientização ocorrida da prática social reflexiva embasada pela teoria, essa conscientização é obtida com a capacidade crítica estável de reflexão, diálogo e apropriação de diversos conhecimentos. (LOUREIRO, 2006).

Ainda segundo o autor supracitado esse processo torna-se essencial para se formar sociedades sustentáveis, ou seja, guiadas para enfrentar os desafios da atualidade, garantindo qualidade de vida para esta e futuras gerações. Portanto, a educação ambiental deve ser abrangida em seu sentido mais amplo, voltada para a formação de pessoas para o exercício da cidadania responsável e consciente, e para uma percepção ampliada sobre os ambientes no qual estão implantadas.

É conclusiva, atualmente, a necessidade de uma interferência direta da escola na formação de sujeitos capazes de se relacionarem com o meio ambiente, buscando sempre o alcance de conhecimento, de valores, de atitudes, de compromissos e de habilidades necessárias para a proteção e melhoria do meio ambiente, para isso, desde a educação infantil, é importante abordar a temática ambiental e a visão integrada do mundo, assim como a condição de vida (RODRIGUES, 2007). Esta visão é vital e determinante também para a temática: Reciclagem.

É prudente rever a forma como o homem vem tratando o meio ambiente, isto desde a infância. Queimadas, desmatamento, caça e pesca predatórias, perda da biodiversidade, poluição em seus diversos níveis, extração irregular, desperdício de água, resíduos líquidos e sólidos tendo uma destinação final inadequada, dentre outros problemas estão acabando com a saúde do planeta, encarecendo processos, por exemplo, o beneficiamento nas ETA's (Estações de Tratamento de Água) que estão ficando cada vez mais caro, devido à má qualidade da água que chega às estações), gerando mudanças climáticas, até mesmo guerras, influenciando a economia global.

Neste viés pode-se contar com a Educação Ambiental (EA), que tem a difícil tarefa de reverter esse pensamento, com o propósito de ensinar às atuais e

próximas gerações a importância do meio ambiente, e nada melhor do que introduzir isto juntamente nas atividades de educação física escolar.

Nesse processo o respeito é fundamental. Assim o meio ambiente só irá respeitar o homem se houver respeito recíproco. E o homem só respeitará o meio ambiente se respeitar a si mesmo. Segundo explica La Taille, (2006, p. 56) “respeita a moral quem, ao fazê-lo, respeita a si próprio”, moral se referindo aos deveres. Respeitar o meio ambiente é um ato moral, visto que todos sabem que devem fazê-lo. Um exemplo bem simples seria este: todos sabem que não se deve jogar lixo no chão, portanto, se o fazem, sabem que estão errados. Assim sendo, o papel da Educação Ambiental é fundamental para trabalhar valores nas crianças que transformem suas atitudes perante o meio ambiente. E uma boa opção de se começar é implantar a EA na Educação Infantil (EI).

A EA é um processo contínuo de aprendizagem voltado para a melhoria da qualidade de vida, onde se aprende a lidar com o meio ambiente respeitando-o e a si próprio. De acordo com Dias (2003), a educação ambiental pretende desenvolver o conhecimento, a compreensão, as habilidades e a motivação do homem para adquirir valores, mentalidades e atitudes necessários para lidar com questões e problemas ambientais e encontrar soluções sustentáveis. Seguindo a tradição popular, que diz serem as crianças o futuro do país, não se pode deixar de investir nelas. Implantar e implementar a EA na EI não é tarefa das mais difíceis.

Contudo deve-se considerar que as crianças adoram o contato com a “natureza”, “plantas”, “bichos”, “insetos”, qualquer ser vivo é admirado pela criança. Isso deve ser aproveitado ao máximo na hora de se planejar EA para elas. O termo Educação Ambiental apareceu pela primeira vez na Grã-Bretanha em 1965, durante a Conferência em Educação na Universidade de Keele, onde se definiu que a EA deveria estar presente na educação de todos os cidadãos (DIAS, 2003).

O conceito de EA vem mudando conforme muda o conceito de meio ambiente. Antes não havia a ideia de que os recursos pudessem se esgotar, e somente quando os problemas ambientais começaram a incomodar, mostrando as consequências de um uso inadequado, que se começou a pensar na necessidade de uma educação voltada para conhecer e ao menos minimizar tais problemas.

Dessa forma o homem passou, aos poucos, a entender que existe um retorno de tudo o que ele faz ao meio ambiente. De acordo com Jacobi (2003), as práticas

desenvolvidas na EA devem garantir meios de criar novos estilos de vida e promover uma consciência ética.

3 INTERAÇÕES ENTRE A CRIANÇA E O MEIO AMBIENTE

Nesse sentido, Elali (2003) fez um estudo interessante. A autora pesquisou a estrutura e organização do espaço escolar na Educação Infantil (EI), como os espaços são concebidos, como são utilizados e qual a percepção de seus usuários.

De acordo com a mesma autora:

“Concluiu que enquanto as crianças anseiam por áreas abertas e naturais, com árvores, grama, animais, etc., os adultos visam aspectos estéticos e a segurança das crianças. Não se questiona aqui os aspectos estéticos ou a segurança, estes itens também se fazem essenciais nas instituições de ensino infantil. O que chama atenção neste trabalho é a pesquisa voltada para a relação homem-natureza” (ELALI, 2003, P. 01)

O contato que algumas pessoas têm atualmente com a natureza se resume a uma planta artificial na mesa do escritório ou da copa em casa. E assim tem sido desde a escola na EI, que deveria ser um lugar de descobertas, onde a criança, em contato com o solo - terra e areia, água, pode presenciar o ciclo de vida de uma planta e perceber como é rica essa experiência, como relata a autora, ao referir-se à horta.

Segundo Korpela (2002), a criança tem uma necessidade declarada de ter contato com áreas externas e ambientes naturais, e essa necessidade aumenta conforme a criança é menor.

Para Tuan (1983), plantando, assistindo a planta crescer, colhendo, a criança pode compreender os mecanismos da natureza, reconhecer-se como parte dela e questionar sua própria participação ecológica.

3.1 PRÁTICAS AO AR LIVRE

Além de Elali e Tuan Fritjof Capra (2008) também utiliza a horta. Para ele, a horta é uma “sala de aula”, pois nesse ambiente as crianças são religadas “aos fundamentos básicos da comida – na realidade, com a essência da vida – ao mesmo tempo em que integra e enriquece praticamente todas as atividades escolares” (p. 14-15).

O autor explica que a horta, quando faz parte do currículo, proporciona à criança aprender sobre os ciclos alimentares e sua integração com outros ciclos, como o ciclo do plantio, cultivo, colheita, compostagem e reciclagem. Dessa forma, descobre-se que estes ciclos fazem parte de ciclos maiores, como o da água, das estações, etc.

Nas palavras de Capra (2008):

[...] todos eles [ciclos] formando conexões na teia de vida planetária. Na horta, aprendemos que o solo fértil é o solo vivo que contém em cada centímetro cúbico bilhões de organismos vivos. Essas bactérias que existem no solo realizam muitas transformações químicas essenciais para a manutenção da vida na Terra. [...]. Esse princípio, baseado num profundo respeito pela vida, faz parte de muitos métodos tradicionais de cultivo da terra e está sendo hoje resgatado num movimento mundial de retomada da agricultura orgânica. (CAPRA, 2008, p. 15).

Vasconcellos (2006) fez uma pesquisa sobre a caminhada em trilhas na floresta, considerando esta uma modalidade de jogo. Ao se fazer uma investigação dos jogos de percurso ligados ao brincar e à natureza, e uma observação de campo de inspiração etnográfica, para descobrir a estrutura da atividade, apresentam-se o universo simbólico que rodeia a caminhada por trilhas na floresta, as reações que esta desperta nas crianças.

Na visão da mesma autora, a contribuição fundamental que esta atividade pode oferecer à escola é [...] descortinar as possibilidades que se abrem quando não apenas preservamos o aspecto simbólico dos jogos, mas vamos além, investindo

neles. Ao subtrairmos os aspectos simbólicos inscritos nos jogos, não apenas retiramos o seu caráter lúdico (VASCONCELOS, 2006).

Deve se esclarecer que: O sistema econômico vigente e os avanços tecnológicos causados por ele trouxeram alguns malefícios para o meio ambiente, de forma que o próprio ser humano passou a destruí-lo.

Com o passar dos anos, esse descaso e a destruição do meio aumentaram e na busca de uma forma de conter esse estrago, após discussões, encontros e conferências, pensou-se na educação ambiental, para conscientizar e formar cidadãos que valorizem o meio.

Segundo Dias (2003):

Muitas vezes, à educação foi dada a incumbência de ser o agente de mudanças desejáveis na sociedade, e a ela se acoplaram as educações [...]. Dentre elas, nenhuma tem apelo tão premente e globalizador quanto a EA [...], e um efeito tão devastador quando falha no seu objetivo de desenvolvimento da consciência crítica pela sociedade em relação à problemática ambiental e aos seus aspectos socioculturais, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ecológicos e éticos.” (p 24).

Para que se faça da educação ambiental um mecanismo favorável ao meio deve-se rever a educação em si. A educação ambiental não deve ser feita apenas de informações, deve ser crítica, deve incomodar, provocar o ser humano, para que esse crie um sentimento em relação ao meio, crie uma consciência para uma transformação social.

O Ciclismo: Cada vez mais atraindo adeptos, o ciclismo que já fazia sucesso nas cidades de praia, está dominando a cidade de São Paulo. Pesquisa divulgada pelo Ibope mostra que em um ano a capital paulista ganhou 86,1 mil ciclistas frequentes - o período coincide, em parte, com a ampliação da malha cicloviária da cidade. Se no ano passado (2015) o mesmo levantamento apontava que 174,1 mil pessoas usavam bicicletas todos os dias como meio de transporte, atualmente o patamar alcançou 261 mil paulistanos.

O esporte que em sua modalidade mais simples requer apenas força de vontade, atrai desde pessoas que querem chegar logo no trabalho, até àqueles que reúnem a família no feriado para dar uma volta nos parques da cidade.

Outra atividade adotada a baixo custo seria a patinação, para poder andar de patins não é necessário um equipamento de ponta, basta ter disposição para aprender ou adrenalina correndo nas suas veias. Existem diversos modelos de patins para atender o gosto do freguês, como os Rollers (rodinhas paralelas) e os InLine (rodinhas enfileiradas), lembrando que existem níveis de dificuldade para a utilização de cada modelo e que atualmente algumas escolas fornecem aulas em parques.

Por fim o Slackline é um esporte quem vem ganhando espaço, é um esporte de equilíbrio sobre uma fita de nylon, estreita e flexível. Costuma ser praticado a uma altura de aproximadamente 30cm do chão, prendendo a fita entre duas arvores distantes. Iniciou-se em meados dos anos 80 no Vale de Yosemite – Estados Unidos, como uma forma de treinar o equilíbrio por grupos de escalada que frequentavam o lugar.

Estas atividades contribuem diretamente para “A formação de uma atitude ética e política é a grande contribuição que a educação ambiental pode dar num mundo em crise como o que vivemos. Não se restringindo apenas à transmissão de informações ou à inculcação de regras de comportamento, a educação ambiental está engajada na construção de uma nova cultura” (CARVALHO, 2004, p. 02). Segundo Sauv  (1994)

[...] o conceito da EA foi sempre limitado à prote o dos ambientes naturais (a seus problemas ecol gicos, econ micos e valores est ticos), sem considerar as necessidades dos direitos das popula es associadas com esses ambientes, como parte integral dos ecossistemas.

Acredita-se que se o tema sobre a educa o ambiental for trabalhado de maneira correta nas escolas e com o conhecimento de que n o deve ficar limitado apenas ao meio ambiente escolar, estendendo-se   comunidade local, poderia contribuir em muito para recuperar e preservar os recursos naturais e melhorar a qualidade de vida da popula o.

Todos merecem o direito a um meio ambiente saudável, sem poluição de qualquer natureza (SALES, 2011).

É fundamental desenvolver atividades de educação ambiental no sentido de motivar uma maior participação dos alunos como cidadãos no sistema de limpeza municipal, mostrando-lhe as consequências ambientais, econômicas e sociais de atos simples e diários como o correto acondicionamento de resíduos e a observância dos horários de coleta (EIGENHEER, 2009).

Portanto, compete, principalmente, aos professores educadores a tarefa de se ampliar esse tema além dos limites didático-pedagógicos de cada disciplina, permeando de forma interdisciplinar todas as áreas do conhecimento, envolvendo inteiramente a escola e, em seguida, toda a comunidade escolar (SANTOS 2008).

Para que se trabalhe o contexto da reciclagem na escola é necessária uma base didática e principalmente de metodologias que se façam empenhadas nesse aspecto, dessa maneira, no método ensino-aprendizagem alunos e professores apresentam-se frente a frente, e ambos participam da mesma experiência que fará dos primeiros homens espiritualmente adultos. O professor dá a palavra ao aluno para que este pronuncie o essencial, resulta daí que o principal não é o ensino, mas a aprendizagem. É além de tudo, uma relação de ordem pessoal e humana, cujo sentido varia de acordo com a idade e a personalidade dos que nela estão envolvidos (BRASIL, 2001).

O professor ao aprender a construir e utilizar recursos didáticos variados e de fácil acesso, saberá orientar melhor seus alunos. O dever do professor é mediar à relação entre aluno e o conhecimento, organizando o grupo e priorizando as atividades didáticas que possam ser significativas para a aprendizagem, de acordo com a realidade que trabalham e como perfil de seus alunos. Não se deve esquecer que conhecimento não se dá apenas através de texto escritos ou falados, mas aprender através do cheiro, do tato, do gosto, etc. (GOMES, 2003).

Portanto, o interesse na auto realização do aluno dá condições para uma aprendizagem do tipo essencial, isto é, aquela que leva à satisfação de objetivos do educando, instigando criatividade, imaginação, consciência de si como ser capaz de realizar suas próprias escolhas e responsabilizar-se por elas, tornando-se um bom escolhedor, e formador de opinião. (BRASIL, 2001).

Por sua vez o professor tem necessidades e objetivos pessoais representados pela sua história pessoal, que por sua vez, influi sobre a sua escolha de objetivos para o aluno. Seu quadro de referências representa padrões derivados da educação pessoal e da experiência profissional com os quais ele avalia os seus atos e os atos dos alunos, bem como os traços relevantes do ambiente. Tais avaliações levam à escolha de novos atos. A realimentação constitui o traço essencial que permite ao professor auto avaliar-se e avaliar os atos do aluno, existindo assim, uma interdependência entre os atos do professor e do aluno (BRASIL, 2001).

Para Sampaio e Talamoni (2003), um grande problema existente na educação atualmente é a falta de motivação e envolvimento dos alunos nos processos de aprendizagem. Sobretudo porque para as crianças e adolescentes, a compreensão da realidade se dá mais pelos aspectos concretos que pelos aspectos abstratos. O que está intimamente ligado com a idéia de reciclagem.

Deve-se perceber também, que os alunos necessitam estar emocionalmente envolvidos, para avaliarem a beleza do que está sendo ensinado, para gostarem ou não de determinadas atividades, e com isso formar indivíduos que possam utilizar os conhecimentos para agir de forma consciente sobre sua realidade.

Para Damásio (1995), o cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, formando um conjunto integrado por meio de circuitos reguladores bioquímicos e neurológicos mutuamente interativos. Defende que o organismo interage com o ambiente como um conjunto: a interação não é exclusivamente do corpo nem do cérebro e que as operações fisiológicas que se denomina por mente derivam desse conjunto estrutural e funcional e não apenas do cérebro: os fenômenos mentais só podem ser compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia.

Conforme exposto por Sampaio e Talamoni (2003), isso significa a busca de novas perspectivas de ensino que considerem os alunos como indivíduos complexos e que a aprendizagem depende tanto do poder de raciocínio lógico quanto dos elementos considerados subjetivos com os sentimentos ligados ao prazer, à satisfação, às crenças e à motivação em aprender.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental é um extenso campo de informações para se estudar, e que se mostra atrativo a partir do momento que contextualiza concepções que, hoje, se apresentam conectadas ao Meio Ambiente e ainda conseguem alcançar problemas sociais, políticos e econômicos.

Trata de uma temática atual ainda não está fortemente inserida na educação, não é cobrada com rigor e nem obrigatoriedade. As professoras de educação infantil encontram dificuldades para trabalhar com esse tema por falta de informação, material e até mesmo incentivas por parte das próprias instituições.

Por este motivo a Educação Ambiental deve ser considerada um processo permanente de desenvolvimento dos próprios indivíduos e suas comunidades, no qual estes adquiram conhecimento, valores, habilidades, experiências e determinações que os tornem aptos a agir e o mais importante coadjuvante da educação física escolar.

Após o estudo ficou claro que os professores abordam o tema da educação ambiental nas escolas de maneira superficial, junto com a educação física, desta forma por vivermos em uma sociedade muito consumista, nossas crianças e jovens de hoje, que serão cidadãos amanhã, não aprenderem que é possível encontrar um equilíbrio entre o meio ambiente e nossas atividades de educação física.

Sendo assim conclui-se que este modelo de consumismo vem causando prejuízos ao meio ambiente e o futuro do meio ambiente pode ser incerto, cheio de problemas o que acarretará graves conseqüências aos seres humanos, por isto a Educação Física interfere diretamente nas possibilidades de uma aprendizagem significativa ao indivíduo, proporcionando a ele qualidade de vida a curto e longo prazo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **A implantação da Educação Ambiental no Brasil. Brasília, 1998** Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br> acessado em 21 julho 2015.

-----, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2006. acessado em 19 julho 2015.

-----, Ministério de Educação e do Desporto. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil.** Brasília: CNE/CEB, 1999. Acessado em 19 agosto 2015.

BRASIL. Secretaria do Meio Ambiente. **Conceitos para se fazer Educação Ambiental.** São Paulo, 1999.

BARROS; L. *Fundamentos de Metodologia.* 3. ed. São Paulo: Saraiva 1986.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

CARMO, D. A. Atividades Físicas de Aventura na Natureza e Possíveis Aprendizados. Cap. 9. In. **Aventuras na Natureza: Consolidando significados.** Jundiaí/SP: Editora Fontoura, 2013.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 1992.

ELALI, G. A. **O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil.** Estud. psicol., Natal, v. 8, n. 2, Aug. 2003. Disponível em: . Acesso em: 26 agosto 2015.

GIMENO SACRISTÁN, J. O currículo e a reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.** Cad. Pesqui., São Paulo, n. 118, mar. 2003 . Disponível em: . Acesso em: 19 setembro 2015.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada.** 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C.F.B. et al. Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, G. F. C. Crise Ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C.F.B. et al. Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

REFERENCIAIS CURRICULARES. **Lições do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Secretaria de Estado da Educação – Porto Alegre: SE/DP, 2009.

RODRIGUES, C. **Educação física, educação ambiental e educação infantil no contexto escolar: uma sinergia possível.** 2007. 98 p. Dissertação (Mestrado)- Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

RUFFINO, S. F. **A Educação ambiental nas escolas municipais de educação infantil de São Carlos-SP.** 2003. 109 p. Dissertação (Mestrado)- Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

SAUVÉ, L. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa,** 1994.

VARGAS, J. TAVARES, F. **A Educação Ambiental no contexto da Educação Física Escolar, 2004.** Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd69/ea.htm>> Acesso em: 20 setembro 2005.

VASCONCELOS, T. **Crianças em trilhas na natureza: jogos de percurso e reencantamento.** Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 18 - n. 2, p. 143-162, Disponível em: Acesso em: 16 outubro 2015.

VERGARA. S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.